

NOTAS DE LEITURA
(segunda parte)

ALGUMAS PALAVRAS E CRITÉRIOS DA EDIÇÃO

As “Notas de leitura” de Machado de Assis que aqui editamos e anotamos são as que Mário de Alencar publicou na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, ano II, em 1911. Elas são continuação das “Notas” que vêm na *Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 7 (p. 35-42, texto apurado; e p. 79-103, texto com aparato editorial), de jan.-jun. 2021.

O conjunto das notas publicado no segundo volume (ano II, 1911) da *Revista da Academia*, que vem neste número da *Machadiana Eletrônica*, abrange obras dos seguintes autores:

1. José de Alencar;
2. Diogo Bernardes;
3. Antônio José da Silva;
4. Luís de Camões;
5. Fernão Mendes Pinto;
6. Filinto Elísio;
7. Almeida Garrett;
8. Gil Vicente;
9. padre Manuel Godinho;
10. Heitor Pinto;
11. Correia Garção;
12. Damião de Góis;
13. frei Luís de Sousa;

14. Duarte Nunes de Leão;
15. João Francisco Lisboa;
16. Francisco Rodrigues Lobo;
17. [Antônio Ferreira];
18. Francisco de Sá de Miranda;
19. [Jorge Ferreira de Vasconcelos];
20. dom Francisco Manuel de Melo;
21. frei Amador Arrais;
22. João de Barros;
23. padre Antônio Vieira.

As anotações publicadas no segundo volume da *Revista da Academia Brasileira de Letras* foram tomadas às seguintes obras, dos mencionados autores:

De José de Alencar (indicado como Alencar) há duas anotações tomadas apenas a uma de suas obras:

1. *O gaúcho*.

Machado de Assis registrou essa obra da seguinte forma: Gaúcho; e na segunda anotação, assim, de forma abreviada: Id.

De Diogo Bernardes (anotado como Bernardes), são registradas apenas as écloas, que consultamos em *O Lima* (edição de 1596):

1. *O Lima*.

Machado de Assis registrou assim as écloas: Écl. XV, Id. e Écl. XVI.

De Antônio José da Silva (anotado como Antônio José), há registro de uma só comédia, que consultamos em *TEATRO cômico português ou Coleção das óperas portuguesas que se representaram na Casa do Teatro Público do Bairro Alto de Lisboa* (edição de 1759):

1. Guerras do alecrim e manjerona.

Machado de Assis registrou assim essa obra: *Guerras do Alecrim e Manjerona*.

De Camões, há anotações tomadas às seguintes obras, que consultamos em *Obra completa*, 2005 (a canção) e em *Obras de Luís de Camões*, 1863 (Filodemo e Os anfitriões):

1. Uma canção, a que Machado de Assis se referiu assim: *O Desespero*, Canç.
2. Filodemo.
Machado de Assis registrou esta obra assim: *Filodemo*, e, de forma abreviada, *Id.*
3. Os anfitriões.
Machado de Assis registrou essa obra assim: *Anfitrião*.

De Fernão Mendes Pinto (anotado como Fernão Pinto), há passagens desta obra:

1. *Peregrinação*.
Machado de Assis a registrou, de forma abreviada, na primeira anotação, assim: *Peregr.* (seguida da indicação de página); e, na segunda, apenas com indicação de volume e página, assim: 2 – 182.

De Filinto Elísio, há anotações tomadas às seguintes obras, que consultamos nas *Obras de Filinto Elísio* (1837-1839):

1. Márcio Coriolano.
Machado de Assis a registrou assim: *Márcio Coriolano*.
2. Oberon.
Machado de Assis a registrou assim: *Oberon*.
3. Um verso da “Epístola de Alfeno a Filinto” não teve sua localização anotada por Machado de Assis.
4. Mártires, ou Triunfo da religião cristã.
Machado de Assis a registrou assim: *Mártires*, e, de forma abreviada, *Id.*

De Almeida Garrett (indicado como Garrett), há anotação tomada à seguinte obra:

1. *Lírica* de João Mínimo.
Machado de Assis a registrou assim: *Lírica*.

De Gil Vicente, há uma anotação que não traz o título da obra – “(II, 182)” –, mas que localizamos. Trata-se da farsa “O juiz da Beira”, que consultamos em:

1. *Obras de Gil Vicente* corretas e emendadas pelo cuidado e diligência de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro (1834).

Do padre Manuel Godinho, há anotações tomadas à seguinte obra:

1. *Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal*, no ano de 1663, o padre Manuel Godinho da Companhia de Jesus.

Machado de Assis registrou assim, de forma abreviada, essa obra: *Relação, Id. e id.*

De Heitor Pinto, há anotações da seguinte obra:

1. *Imagem da vida cristã.*

Machado de Assis anotou assim esta obra: *Imagens e Id.*

De Correia Garção (indicado apenas como Garção), há uma anotação de um verso de uma ode.

1. Ode X.

Machado de Assis registrou a obra assim: *Ode – X*. Encontramos essa ode com os números XIX e XX em duas edições diferentes.

De Damião do Góis há uma anotação da seguinte obra:

1. *Crônica do sereníssimo senhor rei D. Manuel.*

Machado de Assis registrou assim esta obra: *Crônica.*

De frei Luís de Sousa, há anotações tomadas à seguinte obra:

1. *Vida de dom frei Bartolomeu dos Mártires da ordem dos pregadores, Arcebispo, e Senhor de Braga.*

Machado de Assis registrou assim esta obra: *V. do Arc., Id. e Id.*

De Duarte Nunes de Leão há uma anotação da obra *Ortografia da língua portuguesa*, publicada em 1576, tomada de uma nota do t. III do *Parnaso lusitano* (publicado por Almeida Garrett em 1827).

1. Machado de Assis registrou assim estas duas obras: *Ortograf.* e *Parnaso Lusitano*.

De João Francisco Lisboa (referido como Lisboa), há anotações tomadas à seguinte obra:

1. *Obras de João Francisco Lisboa*.

Machado de Assis anotou apenas os volumes e páginas da obra, assim: I – 432 e II – 398.

De Francisco Rodrigues Lobo (referido como Rodrigues Lobo), há anotações da seguinte obra:

1. *Corte na aldeia, e noites de inverno*.

Machado de Assis registrou esta obra assim: *Corte na Aldeia, Id.* e *Id.*

De Antônio Ferreira, Machado de Assis transcreveu um verso, sem anotar seu nome, tomado à seguinte obra:

1. *Poemas lusitanos*.

Nas notas de Machado de Assis o verso vem à frente do nome de Sá de Miranda.

De Francisco de Sá de Miranda (referido como Sá de Miranda), há versos tomados às obras do poeta:

1. *Obras completas*.

Machado de Assis não registrou indicações da fonte que utilizou.

De Jorge Ferreira de Vasconcelos, sem registrar-lhe o nome, Machado de Assis anotou uma expressão, indicando a obra:

1. *Comédia Eufrosina*.

Machado de Assis registrou assim esta obra: *Eufr.*

De dom Francisco Manuel de Melo, há anotações tomadas à seguinte obra:

1. *Carta de guia de casados.*

Machado de Assis registrou essa obra das seguintes formas: *Guia de Casados e Id.*

A edição que utilizamos para consulta foi a de 1873, preparada por Camilo Castelo Branco. Não localizamos a possível fonte de Machado de Assis.

De frei Amador Arrais, há anotações tomadas à seguinte obra:

1. *Diálogos.*

Machado de Assis registrou essa obra, abreviadamente, das seguintes formas: *Diál.* e *Id.* – no primeiro caso, a abreviatura *Diál.* vem seguida do número do diálogo, do capítulo e da página: o primeiro e o segundo indicados por algarismos romanos, o terceiro indicado por algarismos arábicos; no segundo caso, *Id.*, o diálogo vem indicado por *id.*, o capítulo por algarismos romanos e a página por algarismos arábicos.

Muito provavelmente, Machado de Assis leu a edição de 1846, que ele tinha em sua biblioteca, que existe no Real Gabinete Português de Leitura, e que traz as passagens transcritas por ele justamente nas páginas que indicou.

De João de Barros, há anotações de passagens das seguintes obras:

1. *Panegíricos.*

Machado de Assis registrou não a obra *Panegíricos*, mas o panegírico que contém o trecho transcrito, das seguintes formas: *D. João III e Id.*

2. *Década primeira da Ásia.*

Machado de Assis registrou essa obra, abreviadamente, das seguintes formas: *Déc.*, *Id.* e *Id.*

3. *Década terceira da Ásia.*

Machado de Assis registrou esta obra, abreviadamente, da seguinte forma: *Id.*

Do padre Antônio Vieira, há anotações das seguintes obras:

1. *Arte de furtar*.

Machado de Assis registrou essa obra, na primeira passagem anotada, como *Arte de furtar*. Na segunda passagem, indicou apenas o capítulo e a página: XXVII – 197.

2. *Sermões*.

Machado de Assis fez anotações dos seguintes sermões: “Sermão de D. Maria de Ataíde”, que vem nos *Sermões* (1959, t. XV) com o seguinte título: “Sermão nas exéquias de D. Maria de Ataíde”; “Sermão contra a Holanda”, que vem nos *Sermões* (1959, t. XIV) com o seguinte título: “Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda”. Há ainda uma anotação de um sermão que Machado de Assis não identificou: trata-se do “Sermão da primeira domingo do Advento, pregado na Capela Real, no ano de 1650” (*Sermões*, 1959, t. I).

* * *

As anotações, por seu caráter informal, destinadas a uso pessoal pelo próprio autor delas, seguramente foram feitas em momentos diversos de leitura, sem uniformidade no registro das indicações bibliográficas, e, evidentemente, sem o rigor de uma obra acabada. Os manuscritos, que desconhecemos, supomos que não tivessem caligrafia muito cuidada – já que as anotações se destinavam apenas àquele que as registrou. Não sabemos se Mário de Alencar transcreveu à mão as notas machadianas ou se enviou ao prelo os manuscritos do escritor. O fato é que o texto publicado na *Revista da Academia Brasileira de Letras* (v. I, jul. 1910, e v. II, jan. 1911) apresenta falhas (erros) que não podemos atribuir ao autor (muitas delas parecem erros tipográficos, leituras equivocadas do manuscrito, etc.). Diante disso, adotamos, na edição aqui apresentada, os seguintes critérios:

1. Atualizamos a ortografia dos textos. Respeitamos, entretanto, o emprego de iniciais maiúsculas e a pontuação (exceto nas indicações bibliográficas, que procuramos uniformizar). Eventuais intervenções ficaram anotadas no rodapé e, em alguns casos, foram comentadas.
- 2 Nas abreviaturas empregadas nas indicações bibliográficas, cuja forma respeitamos, adotamos a acentuação gráfica. A abreviatura *Id.*, frequentemente empregada ao longo das notas, nem sempre vem em itálico – uniformizamos a italicização e registramos no rodapé. Adotamos o itálico para os títulos de obras, que às vezes vêm em redondo, assim como passamos de itálico para redondo certas expressões que remetem a obras, sem que sejam o seu título – e anotamos no rodapé.
- 3 As indicações bibliográficas, registradas de forma abreviada por Machado de Assis, foram estendidas no rodapé; e deixamos declaradas as edições que consultamos (com as indicações de partes, livros, tratados, capítulos, fólhos ou páginas).
- 4 Em algumas anotações, Machado de Assis deixou de indicar o autor. Fizemos essas indicações seguindo o modelo das demais notas machadianas, com os nomes dos autores entre colchetes.
- 5 Quando, nas notas, havia variantes breves (em relação ao texto da obra que consultamos), em número reduzido, registramos isoladamente os fatos em rodapé.
- 6 Quando as variantes eram numerosas ou abrangiam aspectos diversos do texto, transcrevemos no rodapé o texto, conforme vem na edição que consultamos.
- 7 A transcrição dos textos das fontes que consultamos (para confronto) foi feita com atualização da ortografia, com conservação de vocábulos antigos ainda registrados no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* ou em dicionários atuais, e, ainda, um ou outro vocábulo em forma antiga (geralmente objeto de comentário logo em seguida ao trecho).
- 8 Eventuais comentários ao texto ou às variantes foram registrados depois das informações objetivas relativas a cada tópico.

Muitas das variantes existentes nas “Notas de leitura de Machado de Assis” publicadas na *Revista da Academia Brasileira de Letras* em 1911 seguramente não foram produzidas pelo autor das anotações. Entretanto, não podemos saber, sem o exame do manuscrito autógrafa, se tais variantes provêm dele, se da transcrição enviada à tipografia (terá sido o manuscrito autógrafa enviado, ele mesmo, à tipografia?), ou se teriam origem na tipografia que imprimiu a *Revista*.

Registre-se, por fim, que, embora Mário de Alencar afirme que o manuscrito pertence à Academia Brasileira de Letras, J. Galante de Sousa, na seção de manuscritos de sua *Bibliografia de Machado de Assis*, não o registra. Tampouco há informações sobre ele no *site* da Academia. Teria o manuscrito sido enviado à gráfica e, de lá, desaparecido?¹

Gilson Santos
José Américo Miranda

¹ Na elaboração deste texto, reutilizamos trechos do texto que vem no v. 4, n. 7, p. 79-85, da *Machadiana Eletrônica*.

NOTAS DE LEITURA *
(segunda parte)

ALENCAR.²

- *A trechos*³ – *Gaúcho*, v. II, p. 55.⁴
- Nome com e sem artigo⁵ (*Id., id.*, p. 44 *passim*).⁶

BERNARDES.

- Na gran serra da Estrela, que não tive⁷ (Écl. XV.)⁸
- Qual é meu coração, tal é meu rosto (*Id.*)⁹

* Estas “Notas de leitura” de Machado de Assis, deixadas manuscritas pelo autor, foram publicadas na *Revista da Academia Brasileira de Letras* (RABL), ano II, p. 91-97, jan. 1911, transcritas por Mário de Alencar, na seção “Lexicografia”, com o título “Notas de leitura de Machado de Assis”. A primeira parte dessas anotações, publicada no v. I, em 1910, encontra-se, editada e anotada por nós, na *Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 7, p. 35-42 (texto apurado) e p. 79-103 (texto com aparato editorial), jan.-jun. de 2021. No ano II de RABL, acima do título há o algarismo romano I (queremos crer que indicando ser essa parte continuação da primeira – o conjunto das “Notas de leitura” seria um só). Uma nota de rodapé, assinalada por asterisco junto ao título da matéria, diz o seguinte: “V. vol. I, pág. 137.” A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

² Os nomes dos autores, no v. I da RABL (1910) vinham seguidos por ponto-final; no segundo volume, ano II (1911), não. Uniformizamos o emprego do ponto-final nesses casos.

³ *A trechos* – José de Alencar emprega essa expressão em sentido temporal: “Apenas a trechos ouvia-se, entre os primeiros silvos do temporal iminente, o pio monótono da coruja na matriz, [...]” (ALENCAR, 1870, v. II, p. 55)

⁴ *Gaúcho*, v. II, p. 55.] *Gaúcho*, II v. p. 55 – em RABL (ano II, 1911). *O gaúcho*, 1870, v. II, p. 55.

⁵ Eis um trecho em que aparecem nomes próprios “com e sem artigo”: “Chegando à vila na noite do dia em que os deixamos descansando para concluir a jornada, o *Lucas* não consentiu que *Manuel* procurasse outro rancho, senão a casa de sua irmã.” (ALENCAR, 1870, v. II, p. 45; grifos nossos)

⁶ (*Id., id.*, p. 44 *passim*.)] (*Id. id.* 44 *passim*). – em RABL (ano II, 1911). *O gaúcho*, 1870, v. II, p. 44 *passim*.

⁷ Na edição que consultamos (*O Lima*, 1596), o trecho transcrito vem no fólho 49, assim: “Na grão serra da Estrela, que não tive”.

⁸ (Écl. XV.) Écloga XV. *O Lima*, 1596, fólho 47 até verso do fólho 56.

⁹ (*Id.*)] (*Id.*) – em RABL (ano II, 1911). Écloga XV. *O Lima*, 1596, fólho 47 até verso do fólho 56. O verso transcrito por Machado de Assis vem no verso do fólho 47.

- Assim me aconteceu assim comigo¹⁰ (*Id.*)¹¹
- Vejo que vais e vens, cansas, porfias,
E que sempre de cá levas mão cheia,
E com elas de lá tornas vazias¹² (Écl. XVI.)¹³

ANTÔNIO JOSÉ.

– Semicúpio: ... e certamente lhe posso dizer que é tão antiga a sua descendência, que diz muita gente que descende de Adão. (*Guerras do Alecrim e Manjerona*, p. I, cen. 2^a)¹⁴

CAMÕES.

-Porque ficasse a vida
Pelo mundo em pedaços repartida.
(O Desespero, Canç.)¹⁵
- *É bem – É bem:* que falar é esse.
(Filodemo, ato 2^o, V)¹⁶
- Vá-se embora ou fique embora
Qual for mais sua vontade
(*Id.* 3^o, II)¹⁷

¹⁰ Na edição que consultamos (*O Lima*, 1596), o trecho vem no verso do fólho 47, assim: “Assim aconteceu assim comigo”.

¹¹ (*Id.*)] (*Id.*) – em RABL (ano II, 1911). Écloga XV. *O Lima*, 1596, fólho 47 até verso do fólho 56.

¹² Na edição que consultamos (*O Lima*, 1596), os versos transcritos vêm no verso do fólho 56 e no fólho 57, assim: “Vejo que vás, e vens, cansas, porfias, / E que sempre de cá levas mãos cheias, / E com elas de lá tornas vazias.” Embora a anotação de Machado de Assis traga a forma verbal “vais”, em diversas obras suas ele empregou a forma “vás”, como nos seguintes casos: na comédia *Deuses de casaca* (1866, cena XII); na crônica n. 107 da série “A semana”, publicada em 17 de junho de 1894 na *Gazeta de Notícias* (*Machadiana Eletrônica*, v. 1, n. 2, p. 155-159, jul.-dez. 2018); e em poemas, como “Niâni”, parte III (*Poesias completas*, 1901, p. 207-209), e “Última jornada” (*Poesias completas*, 1901, p. 277-282). “Vás” é forma antiga de “vais”. (Cf. DIAS, Augusto Epifânio da Silva, 1972, p. 70, nota à estrofe 4 do canto II de *Os Lusíadas*)

¹³ (Écl. XVI.)] (Écl. XVI) – em RABL (ano II, 1911). Écloga XVI. *O Lima*, 1596, verso do fólho 56 até o verso do fólho 59.

¹⁴ (*Guerras do Alecrim e Manjerona*, p. I, cen. 2^a). *Guerras do alecrim e manjerona*, parte I, cena II. O trecho transcrito da fala de Semicúpio, na edição que consultamos (*Teatro cômico português*, 1759, t. 2^o, p. 187-327), vem na p. 216.

¹⁵ (O Desespero, Canç.)] (*O Desespero*, Canç.) – em RABL (ano II, 1911). A canção a que pertencem os versos anotados aparece sem título, nas edições que consultamos (supomos que a expressão “O Desespero” seja título). As canções são numeradas, e o número desta varia de uma edição para outra. Talvez seja melhor referi-la por seu primeiro verso: “Junto de um seco, fero e estéril monte”. Cf. CAMÕES, 2005, p. 311-314 (Canção 5). Os versos transcritos vêm, nesta edição, na p. 312.

¹⁶ (Filodemo, ato 2^o, V)] (*Filodemo*, ato 2^o, V) – em RABL (ano II, 1911). Filodemo, ato 2^o, cena V. Filodemo. In: *Obras de Luís de Camões*, v. IV, 1863. p. 325-417. Nesta edição, o verso anotado vem na p. 361.

¹⁷ (*Id.* 3^o, II). Filodemo, ato 3^o, cena II. Filodemo. In: *Obras de Luís de Camões*, v. IV, 1863. p. 325-417. Nesta edição, o verso anotado vem na p. 384.

– Mas porém vou dar a Alcmena
Estas novas que me destes

(Anfitrião, ato 2º)¹⁸

Também Camões deixou alguns trocados,¹⁹ ao menos este na comédia Filodemo
ato 2º, cena VI:²⁰

Isolina

Como Deus está nos céus,
Que, se é verdade o que temo,
Que fez isto Filodemo.

Duriano

Mas fê-lo o demo, que Deus
Não faz mal tanto em extremo.

FERNÃO PINTO.

- ... e ele tão coado que não trazia cor de homem vivo (*Peregr.*, 218)²¹
- ... menos povoada que toda a outra por onde passamos. (2 – 182)²²

¹⁸ (Anfitrião, ato 2º)] (*Anfitrião*, ato 2º) – em RABL (ano II, 1911). Anfitrião, ato 2º. Na edição que consultamos (*Obras de Luís de Camões*, v. IV, 1863. p. 239-323): Os anfitriões, ato 1º, cena VI. Nesta edição, os versos anotados vêm na p. 259. Machado de Assis deve ter-se equivocado no registro do ato (logo na página seguinte aos versos citados começa o “ato segundo” – talvez, na edição consultada por ele, essas informações estejam todas na mesma página).

¹⁹ “Trocados, s. m. pl. *Trocados de palavras*, espécie de ornato de estilo, vicioso, que consiste em equívocos, e palavras em que trocada uma letra há diverso sentido.” (SILVA, 1813, t. II, p. 812) Raimundo Magalhães Júnior (1958, p. 274), na transcrição que fez dessas notas, substituiu “trocados” por “trocadilhos”.

²⁰ Filodemo, ato 2º, cena VI:] *Filodemo*, ato 2º, cena VI: – em RABL (ano II, 1911). Filodemo, ato 2º, cena VI. Na edição que consultamos (*Obras de Luís de Camões*, v. IV, 1863. p. 325-417): Filodemo, ato 2º, cena V. Nesta edição, os versos anotados vêm na p. 359, e o nome da personagem é “Solina”. Machado de Assis deve ter-se equivocado no registro da cena.

²¹ (*Peregr.*, 218). *Peregrinação*, p. 218. Na edição que consultamos (*Peregrinação seguida das suas cartas*, 1953, v. II), a passagem transcrita vem na p. 46 e na p.47.

²² (2 – 182) [*Peregrinação*] v. 2(?), p. 182(?). O n. 2 indica, muito provavelmente, o volume consultado por Machado de Assis, e o n. 182 a página. Há edições em mais de um volume, das quais há algumas no Real Gabinete Português de Leitura. Na edição que consultamos (*Peregrinação seguida das suas cartas*, 1952, v. I), o trecho transcrito vem na p. 738 e na p. 739.

FILINTO ELÍSIO.

– Nada me espraia tanto o baço, como os diálogos com os meus censores –
(Márcio Coriolano, nota.)²³

– *Lote (lot)*

Lote humano

É a fraqueza

(Oberon, VIII, 162)²⁴

– *Poleá* – Fogem dos poleás ao toque impuro²⁵

– *É bem* – É bem! Dize o negócio a que vieste

(Mártires, XXI, 241)²⁶

– Nas mãos lhe embebe a palma um dos levitas

(*Id.* – XIV)²⁷

GARRETT.

– E estes excomungados protestantes

(Olhem que bruta gente!)

Sempre casmurros, sempre enregelados

(*Lírica* – pág. 276)²⁸

GIL VICENTE.

– NEGOCIADO –

Melhor é ser preguiçoso

Que homem negociado

(II, 182)²⁹

²³ (Márcio Coriolano, nota.)] (*Márcio Coriolano*, nota.) – em RABL (ano II, 1911) Márcio Coriolano, nota. Na edição que consultamos (Márcio Coriolano, tragédia de M. de la Harpe. In: ELÍSIO, 1838, t. XI, p. 118-145), a nota 2 (ato III, cena I) vem na p. 145.

²⁴ (Oberon, VIII, 162)] (*Oberon*, VIII, 162) – em RABL (ano II, 1911). Oberon, canto VIII, p. 162. Na edição que consultamos (Oberon, poema de Wieland. In: ELÍSIO, 1837, t. VII), o trecho transcrito vem na p. 163 (no canto VIII).

²⁵ Este verso é da “Epístola de Alfeno [Domingos Maximiano Torres] a Filinto”. In: ELÍSIO, 1838, t. X, p. 33. Neste caso, Machado de Assis não registrou a fonte de sua anotação.

²⁶ (Mártires, XXI, 241)] (*Mártires*, XXI, 241) – em RABL (ano II, 1911). Mártires, livro XXI, p. 241. Edição que consultamos: ELÍSIO, 1839, t. XVI, p. 241 (no livro XXII de “Os Mártires”).

²⁷ (*Id.* – XIV) Mártires, livro XIV. Edição que consultamos: ELÍSIO, 1839, t. XV, p. 245.

²⁸ Na edição que consultamos (*Lírica* de João Mínimo, 1829), os versos transcritos vêm na p. 155. Raimundo Magalhães Júnior (1958, p. 275), na publicação que fez dessas notas, não transcreveu o terceiro dos versos anotados por Machado de Assis.

²⁹ (II, 182) v. II(?), p. 182(?). Machado de Assis não informa a obra de que transcreveu a anotação. Localizamos os versos transcritos na farsa “O juiz da Beira”, nas *Obras de Gil Vicente*, 1834, tomo III, livro IV, p. 182. Como a página é a mesma registrada por Machado, é possível que tenha sido esta a edição consultada por ele.

GODINHO (P. MANUEL).

- ... e mais de 40 peças entre canhões, sagres,³⁰ cameletes e colubrinas (*Relação*, cap. IV, p. 17)³¹
- Casa otomana (*Id.* – 44)³²
- O mar estava leite (*id.* – 61)³³
- Parecera ao piloto que havia de embocar de frecha o estreito (*id.* – 62)³⁴
- ... chamando-lhe de falsário, fementido, cruel e perjuro (*id.* – 65)³⁵

HEITOR PINTO.

- *Ao ar aberto* – Uma águia enquanto os filhos são pequeninos e não estão inda vestidos de todas suas plumas, não os deixa sair do ninho e voar ao ar aberto.
(*Imagens*, I, 688)³⁶
- *Jarretar* – Trazem os filhos de vaidade por estilo mostrar a honra de que se jactam, e encobrir os labéus e faltas, com que sua origem lhe jarreta a presunção (*Id.*, II, 719)³⁷

³⁰ sagres,] sogres, – em RABL (ano II, 1911).

³¹ Na edição que consultamos (*Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal*, no ano de 1663, o padre Manuel Godinho da Companhia de Jesus, 1842), a passagem transcrita vem na p. 17, assim: “... e mais de quarenta peças entre canhões, esperas, pedreiros, sagres, cameletes e colubrinas [...]”. Esta deve ter sido a edição lida por Machado de Assis; ela existe no Real Gabinete Português de Leitura.

³² (*Id.* – 44) *Relação*, p. 44. Na edição que consultamos (*Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal*, no ano de 1663, o padre Manuel Godinho da Companhia de Jesus, 1842), a expressão transcrita vem na p. 44. Esta deve ter sido a edição lida por Machado de Assis; ela existe no Real Gabinete Português de Leitura.

³³ (*id.* – 61) *Relação*, p. 61. Na edição que consultamos (*Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal*, no ano de 1663, o padre Manuel Godinho da Companhia de Jesus, 1842), a expressão transcrita vem na p. 61, assim: “... mandou que todos lavassem o corpo no mar, que estava leite [...]”. Esta deve ter sido a edição lida por Machado de Assis; ela existe no Real Gabinete Português de Leitura. A expressão “mar leite” ou “mar de leite” significa mar “mui manso” (Cf. SILVA, 1813, t. II, p. 213)

³⁴ (*id.* – 62) *Relação*, p. 62. Na edição que consultamos (*Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal*, no ano de 1663, o padre Manuel Godinho da Companhia de Jesus, 1842), a expressão transcrita vem na p. 62, assim: “Parecera ao piloto que até aquele tempo havia de embocar de frecha o estreito [...]”. Esta deve ter sido a edição lida por Machado de Assis; ela existe no Real Gabinete Português de Leitura.

³⁵ (*id.* – 65) *Relação*, p. 65. Na edição que consultamos (*Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal*, no ano de 1663, o padre Manuel Godinho da Companhia de Jesus, 1842), a expressão transcrita vem na p. 65. Esta deve ter sido a edição lida por Machado de Assis; ela existe no Real Gabinete Português de Leitura.

³⁶ (*Imagens*, I, 688) *Imagem*, parte I, p. 688. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte I, p. 244.

³⁷ (*Id.*, II, 719) *Imagem*, parte II, p. 719. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem vem na parte II, p. 636, assim: “Trazem os filhos da vaidade por estilo, mostrar a honra, de que se jactam, e encobrir os labéus, e faltas, com que sua origem lhes jarreta sua presunção.”

- *Cume* – Este é uma grande perfeição e cume da humildade. (*Id.*, I, 54.)³⁸
- ... Tenham numa veia uma gota de nobre linhagem, e sangrem-se setenta vezes, todo o sangue que lhe sair, há de ser da veia da enxada, e do arado e do martelo e da sovela; mas uma gota do sangue da honra não lhe há de tocar a lanceta. (*Id.*, II, 719.)³⁹
- A inveja desprega as velas ao desejo. (*Id.*, I, 50.)⁴⁰
- Filho, se os pecadores te ameaçarem os ouvidos e te engrossarem com o leite de seus falsos louvores, não lhe creias. (*Id.*, I, 489.)⁴¹
- *Entabular* – ... Porém saídos do saco do mundo, no dia do juízo, quando cada um for entabulado no jogo da outra vida, e cada peça for posta em seu lugar...
(*Id.*, II, 166.)⁴²
- *Mata... que não se caminha* – Há entre eles um golfão de ódio, que não se navega, e uma mata brava de inimizades, que não se caminha. (*Id.*, II, 376.)⁴³
- *Imperar a* – Os negociadores ambiciosos trabalham por imperar aos outros, mas o solitário livre de ambição trabalha por imperar a si mesmo. (*Id.*, I, 351.)⁴⁴
- *Gastar o aço* – Quanto os mais ocupados virdes em gastar o aço em cousas do mundo, tanto mais botos os achareis nas cousas do espírito. (*Id.*, II, 247.)⁴⁵
- *Temeroso (por tímido)* – ... e por outra, humilde, temeroso e devoto. (*Id.*, II, 246.)⁴⁶

³⁸ (*Id.*, I, 54.) *Imagem*, parte I, p. 54. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte I, p. 28, assim: “Esta é uma grande perfeição, e cume de humildade.”

³⁹ (*Id.*, II, 719.) *Imagem*, parte II, p. 719. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte II, p. 636, assim: “Tenham em uma veia uma gota de nobre geração, e sangrem-se setenta vezes, todo o sangue que lhes sair, há de ser da veia da enxada, e do arado, e do martelo, e da sovela; mas na gota do sangue da honra não lhe há de tocar a lanceta.”

⁴⁰ (*Id.*, I, 50.) *Imagem*, parte I, p. 50. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte I, p. 26.

⁴¹ (*Id.*, I, 489.) *Imagem*, parte I, p. 489. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte I, p. 244, assim: “Filho se os pecadores te adoçarem os ouvidos, e te engrossarem com o leite de seus falsos louvores, não lhe creias.”

⁴² (*Id.*, II, 166.) *Imagem*, parte II, p. 166. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte II, p. 349.

⁴³ (*Id.*, II, 376.) *Imagem*, parte II, p. 376. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte II, p. 460, assim: “Há entre eles um golfo de ódio, que não se navega, e uma mata brava de inimizades, que não se caminha [...]”

⁴⁴ (*Id.*, I, 351.) *Imagem*, parte I, p. 351. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte I, p. 178, assim: “Os negociadores ambiciosos trabalham por imperar aos outros, mas o solitário livre de ambição trabalha por imperar-se a si mesmo.”

⁴⁵ (*Id.*, II, 247.) *Imagem*, parte II, p. 247. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte II, p. 391.

⁴⁶ (*Id.*, II, 246.) *Imagem*, parte II, p. 246. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte II, p. 391.

GARÇÃO.

– *Gotear* – Com a verde cabeça goteando⁴⁷
(Ode – X.)⁴⁸

GÓIS (DAMIÃO DE).

– *Reporte*, por *rapport* – Na *Crônica* XXXVII.⁴⁹

22 de Agosto de 1870.⁵⁰

Achei no Damião de Góis uma cousa que não vem no “Dicionário de Moraes”: é a palavra *reportes* com a significação do francês *rapport*. Vem na 4ª parte da “Crônica”, capítulo XXXVII, e diz assim:

“E por alguns reportes que lhe dele fizeram, etc.”

Moraes dá o verbo *reportar* com a significação, entre outras, de *referir*, mas conquanto o *reporte* pareça derivar-se de reportar, não está escrito na crônica com a simples significação de *narração, exposição, informação*, mas com a de *mexericos*, que é uma das genuínas acepções do *rapport* francês (v. Becherelle: – *Rapports*: récit qu’on fait, par indiscretion ou par méchanceté). Para melhor entender isto, é preciso ler toda a página da crônica; trata-se justamente de mexericos.

O Moraes também dá outra palavra: *reporto*, mas a significação desta, como ele diz, é incerta, e em todo caso diferente de *reporte* do Damião de Góis.

Mando-te isto não porque ache muito engraçado o tal *reporte*, mas porque talvez te possa servir em alguma cousa.

E se te não servir isso, acaso te servirá esta palavra de Filinto Elísio (Nota à fábula XL do 2º livro): “A coruja é *ela* a fêmea do mocho?”⁵¹ – *Machado de Assis*.

⁴⁷ – *Gotear* – Com a verde cabeça goteando] – *Goteiar* – Com a verde cabeça goteando – em RABL (ano II, 1911).

⁴⁸ (Ode – X.)] (*Ode* – X.) – em RABL (ano II, 1911). Ode X. Esta ode, em diversas edições, aparece com numeração diferente. Nas *Obras poéticas de Pedro Antônio Correia Garção*, 1778, p. 118, a ode (p. 116-118) traz o número XIX, e o verso vem assim: “Com a verde cabeça goteando”; nas *Obras poéticas e oratórias*, 1888, a ode (p. 143-146) traz o número XX, e o verso (p. 146) vem também assim: “Com a verde cabeça goteando”.

⁴⁹ Na *Crônica* XXXVII. Na *Crônica*, cap. XXXVII. Na edição que consultamos (*Crônica do sereníssimo senhor rei D. Manuel*, 1749) a passagem que contém a palavra “reportes” encontra-se na parte IV, cap. XXXVII, p. 516.

⁵⁰ Não conhecemos o destinatário desta carta. Talvez seja dirigida a Manuel de Melo (Aveiro, 1834 – Milão, 1884), amigo de Machado de Assis, filólogo, bibliotecário do Gabinete Português de Leitura, que publicou o livro *Da glótica em Portugal*, em 1872. (Ver MACHADO, 2021, p. 346)

⁵¹ do mocho?”] do mocho?” – em RABL (ano II, 1911). Em nota (assinalada por asterisco) à “Fábula XL”, de La Fontaine, “A Águia, e o Mocho”, a frase anotada por Machado de Assis vem assim: “A Coruja é *ela* a fêmea do Mocho?” (*Obras de Filinto Elísio*, 1838, t. XII, Fábulas de J. La Fontaine, t. I, p.198-199)

LUÍS DE SOUSA (FR.).

- ... muito *crespo* de torres e baluartes. (*V. do Arc.*, I, 362.)⁵²
- Cousa de nenhum tomo. (*Id.*)⁵³
- Estavam as cousas do concílio tanto em flor. (*Id.*)⁵⁴
- Consentiam em uma vergonhosa paz, dando aos bárbaros páreas do seu próprio sangue. (*Id.*, II, p. 11.)⁵⁵
- Letra pouco aparada no metro, mas no conceito bem significadora. (*Id.*)⁵⁶
- Afinaram-lhe o valor e a paciência. (*Id.*, II, – 4.)⁵⁷
- ... luzisse a despesa. (*Id.*, I, 398)⁵⁸
- *Aquele... é que* – Aquele é verdadeiro obediente que sempre está pronto. (*Id.*)⁵⁹
- *Tudo foi um.* (*Id.*)⁶⁰

⁵² (*V. do Arc.*, I, 362.) *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga], cap. I(?), p. 362(?). Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no fólio 106, livro II, cap. XXXIII.

⁵³ (*Id.*) *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga]. Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no verso do fólio 157, livro IV, cap. I, assim: “... uma cousa aérea e de nenhum tomo [...]”

⁵⁴ (*Id.*) *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga]. Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no verso do fólio 57, livro II, cap. VI.

⁵⁵ (*Id.*, II, p. 11.) *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga], cap. II, p. 11. Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no verso do fólio 158, livro IV, cap. II, assim: “... consentiram em uma vergonhosa paz, dando aos bárbaros páreas de seu próprio sangue [...]”

⁵⁶ (*Id.*) *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga]. Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no verso do fólio 11, livro I, cap. V.

⁵⁷ (*Id.*, II, – 4.) *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga], cap. II[?], p. 4[?]. Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no fólio 156, livro IV, cap. I, assim: “... afinando seu valor e paciência.”

⁵⁸ (*Id.*, I, 398)] (*Id.*, I, 398). – em RABL (ano II, 1911). *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga], cap. II[?], p. 398[?]. Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no fólio 117, livro III, cap. IV.

⁵⁹ (*Id.*) *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga]. Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no fólio 16, livro I, cap. VIII.

⁶⁰ (*Id.*) *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga]. Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no verso do fólio 119, livro III, cap. V.

LEÃO (DUARTE NUNES DE).

– Somente devemos acentuar a dição em que pode haver diferença de significação, etc.

(*Ortograf. Notas*, vol. 3º do *Parnaso Lusitano*.)⁶¹

LISBOA.

– Para fazerem valer estas estranhas doutrinas, os nossos publicistas e estadistas conservadores falsificam a história, desnaturam os caracteres, e enredam tudo em abomináveis sofismas; e já os tenho visto desdobrar complacientemente aos olhos da multidão as cenas mais atrozes da revolução francesa, e o retrato das personagens mais odiosas que nelas figuraram, como um argumento sem réplica, sem lhes lembrar que por uma crítica igual Nero, Calígula, Henrique VIII, Felipe II, Luís XV e tantos outros seriam a condenação irremissível das monarquias. (I – 432)⁶²

– Estes podem com razão chamar-se os tempos heroicos da Companhia de Jesus no Brasil. Quase tudo quanto se oferece à vista do observador é puro e sem mancha. Não alcançam os olhos por toda a parte senão dedicação, sacrifício e trabalho abençoado com frutos copiosos. (II – 398)⁶³

RODRIGUES LOBO.

– Pois se qualquer destes, que digo, além de debruar tudo de versos de Ovídio, e de sentenças de Plauto e Terêncio, etc. (*Corte na Aldeia*, XVI.)⁶⁴

– ... trocados galantes. (*Id.*, I.)⁶⁵

⁶¹ (*Ortograf. Notas*, vol. 3º do *Parnaso Lusitano*.) *Ortografia*, notas, t. III do *Parnaso lusitano*. Na edição que consultamos (*Parnaso lusitano*, 1827, t. III), a passagem transcrita vem na p. 287, assim: “Somente devemos acentuar as dicções, em que pode haver diferença de significação [...]”

⁶² (I – 432). [*Obras de João Francisco Lisboa*] v. I, p. 432. Na edição que consultamos (*Obras de João Francisco Lisboa*, 1864, v. I) a passagem transcrita vem nas p. 433-434. Esta deve ter sido a edição lida por Machado de Assis, que, parece, equivocou-se no registro da página.

⁶³ (II – 398). [*Obras de João Francisco Lisboa*] v. II, p. 398. Na edição que consultamos (*Obras de João Francisco Lisboa*, 1865), a passagem transcrita vem no v. II, p. 398, assim: “Estes podem com razão chamar-se os tempos heroicos da companhia de Jesus no Brasil. Quase tudo quanto se oferece às vistas do observador é puro e sem mancha. Não alcançam os olhos por toda parte senão dedicação, sacrifício e trabalho abençoado com frutos copiosos.”

⁶⁴ (*Corte na Aldeia*, XVI.) *Corte na aldeia*, Diálogo XVI. Na edição que consultamos (*Corte na aldeia, e noites de inverno*, 1649), o Diálogo XVI vem entre as páginas 337 e 359, e a passagem transcrita vem na p. 353, assim: “Pois se de qualquer destes que digo acerta de ser oficial de Gramática além de debruar tudo de versos de Ovídio, e de sentenças de Plauto, e de Terêncio [...]”

⁶⁵ (*Id.*, I.) *Corte na aldeia*, Diálogo I. Na edição que consultamos (*Corte na aldeia, e noites de inverno*, 1649), o “Diálogo I” vem entre as páginas 1 e 24, e a passagem transcrita vem na p. 6. “Trocados”, nessa passagem, significa trocadilhos. (Cf. SILVA, 1813; SILVA, 1958, v. XI, p. 285 – em que dá essa passagem como abonação)

– ... o que eu comparo a uma cousa escrita de boa ou ruim letra; que a boa aformoseia, e dá ser, cor, e graça ao que lerdos; e a ruim desconcerta, empeça e afeia as razões, sendo todas umas. (*Id.*, VIII.)⁶⁶

– Assim é que até óculos que se inventaram para remediar defeitos da natureza, vi eu já trazer a alguns por galantaria. (*Id.*, II.)⁶⁷

– Tirou o ouro a valia a todas elas, e fez em si estanque de todos os comércios do mundo. (*Id.*, VII.)⁶⁸

– E para que diga tudo, só um mal tem, e é que pelo pouco que lhe querem seus naturais, a trazem mais remendada que capa de pedinte. (*Id.*, Diál. I.)⁶⁹

– O ouro... se levantou contra o céu, fazendo guerra de rosto a rosto a todas as virtudes. (*Id.*, VII.)⁷⁰

[ANTÔNIO FERREIRA]⁷¹

– *De* – Eu desta glória só fico contente.⁷²

SÁ DE MIRANDA.

– *Se* – Eis a barca aparece
Em que se hão de ir: Deixam-lhe lume aceso.
Ordenam-lhe o que faça antes que vão-se,
Veja se em todo caso o tão defeso
E tão gabado esposo então descanse;
 Outra vez as mãos dão-se;
 Soltam o vento à vela...⁷³

⁶⁶ (*Id.*, VIII.) *Corte na aldeia*, Diálogo VIII. Na edição que consultamos (*Corte na aldeia, e noites de inverno*, 1649), o “Diálogo VIII” vem entre as páginas 168 e 186, e a passagem transcrita vem na p. 169, assim: “... o que eu comparo a uma mesma cousa escrita de boa, ou ruim letra, que a boa aformoseia, e dá ser, cor, e graça ao que lerdos, e a ruim desconcerta, empeça, e afeia as razões sendo todas umas.”

⁶⁷ (*Id.*, II.) *Corte na aldeia*, Diálogo II. Na edição que consultamos (*Corte na aldeia, e noites de inverno*, 1649), o “Diálogo II” vem entre as páginas 24 e 46, e a passagem transcrita vem na p. 36.

⁶⁸ (*Id.*, VII.) *Corte na aldeia*, Diálogo VII. Na edição que consultamos (*Corte na aldeia, e noites de inverno*, 1649), o “Diálogo VII” vem entre as páginas 142 e 168, e a passagem transcrita vem na p. 151.

⁶⁹ (*Id.*, Diál. I.)] *Id.*, *Diál.*, I. – em RABL (ano II, 1911). *Corte na aldeia*, Diálogo I. Na edição que consultamos (*Corte na aldeia, e noites de inverno*, 1649), o “Diálogo I” vem entre as páginas 1 e 24, e a passagem transcrita vem na p. 23.

⁷⁰ (*Id.*, VII.) *Corte na aldeia*, Diálogo VII. Na edição que consultamos (*Corte na aldeia, e noites de inverno*, 1649), o “Diálogo VII” vem entre as páginas 142 e 168, e a passagem transcrita vem na p. 151.

⁷¹ Machado de Assis não registrou o nome do poeta – incluiu este verso entre os de Sá de Miranda.

⁷² Este verso, na edição que consultamos (*Poemas lusitanos*, 1548), vem no início da obra (fólio 1), antes dos sonetos, neste poema dedicado “Aos bons engenheiros”: “A vós só canto espíritos bem nascidos, / A vós, e às Musas ofereço a Lira: / Ao Amor meus ais, e meu gemidos, / Compostos do seu fogo, e da sua ira. / Em vossos peitos são, limpos ouvidos / Caiam meus versos, quais me Febo inspira. / Eu desta glória só fico contente, / Que a minha terra amei, e a minha gente.”

⁷³ Machado de Assis não registrou qualquer indicação de fonte para esses versos. Na edição que consultamos (*Obras completas*, v. I, 1960), os versos vêm na p. 261, assim: “Eis a barca aparece / em que se hão d’ir, e deixam-lhe um lume aceso, / ordenam o que faça antes que vão-se: / Veja-se em todo caso o tão defeso / esposo e tão gabado; então descanse. / Outra vez as mãos dão-se, / Soltam ao vento a vela [...]”

– E tu cuidavas que era eu como estes poetas que andam falando consigo, e cacarejam mais em verso que uma galinha o seu ovo.⁷⁴

– Andar em puridades.⁷⁵

[JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS]⁷⁶

– Ir pelo fio da gente.

(*Eufr.*, I – I – 19.)⁷⁷

D. FRANCISCO MANUEL.

– *Fazer fazer* – E tais cousas lhe fazia fazer. (*Guia de Casados*, 95.)⁷⁸

– *Loureiras* – Mulheres há leves, gloriosas, prezadas do seu parecer, loureiras lhe chamavam os nossos maiores. (*Id.*)⁷⁹

ARRAIS.

– *Canalha* – Antigamente antes que esta canalha viesse ao Reino. (*Diál.*, IV – XXVI – 305.)⁸⁰

⁷⁴ Machado de Assis não registrou a fonte da passagem que anotou. Na edição que consultamos (“Os Vilhalpandos”, in: *Obras completas*, 1943, v. II, p. 187-282), essa passagem vem na p. 225, assim: “E tu cuidavas que era eu como estes poetas, que andam sempre falando consigo, e cacarejam mais um seu verso que uma galinha o seu ovo.” O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* não registra a forma antiga do verbo “carcarejar” – mas ela vem em Laudelino Freire (1954, v. II, p. 1252) e em Antônio de Moraes Silva (1949-1959, v. II, p. 916).

⁷⁵ Machado de Assis não registrou a fonte da passagem que anotou. Na edição que consultamos (“Os Vilhalpandos”, in: *Obras completas*, 1943, v. II), essa passagem vem na p. 234, assim: “Esta minha casa toda anda trovada: a mulher dentro em puridades, fora em devações.” O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* não registra a forma antiga “devação” – mas ela vem em Antônio de Moraes Silva (1949-1959, v. IV, p. 20) e no AULETE digital (<<https://www.aulete.com.br/devação>>).

⁷⁶ Machado de Assis não registrou o nome desse autor, embora tenha registrado, abaixo do trecho transcrito, a comédia a que pertence: “(*Eufr.*, I – I – 19.)”.

⁷⁷ (*Eufr.*, I – I – 19.) *Eufrosina*, ato I, cena I(?), p. 19(?). Na edição que consultamos da *Comédia Eufrosina* (1786), as palavras anotadas por Machado de Assis vêm na p. 79 (ato I, cena V), assim: “... mas vai-se homem pelo fio da gente.”

⁷⁸ (*Guia de Casados*, 95.) *Guia de casados*, p. 95(?). Na edição que consultamos (*Carta de guia de casados*, 1873), as palavras anotadas vêm na p. 146 (cap. XXXV).

⁷⁹ (*Id.*) *Guia de Casados*. Na edição que consultamos (*Carta de guia de casados*, 1873), a passagem transcrita vem na p. 83 (capítulo VII), assim: “Mulheres há leves e gloriosas, prezadas de seu parecer: loureiras, cuido eu que lhes chamavam nossos antigos, por significar que a qualquer bafejo do vento se moviam.” Machado de Assis, em maio e junho de 1872, publicou no *Jornal das Famílias*, um conto com este título: “Uma loureira”.

⁸⁰ (*Diál.*, IV – XXVI – 305.) *Diálogos*, Diálogo IV, cap. XXVI, p. 305. Na edição que consultamos (*Diálogos*, 1846, Diálogo IV, cap. XXVI) o trecho anotado vem na p. 305. Esta é, muito provavelmente, a edição consultada por Machado de Assis.

– ... tomou-lhe as fasces e insígnias pretórias.

(*Id., id.* – XIII – 267.)⁸¹

BARROS (JOÃO DE).

– *De* – Contentando-se de toda a vianda. (D. João III – 178.)⁸²

– ... se deviam de olhar. (*Id.* – 192.)⁸³

– Os homens devem de comer para viverem. (*Id.* – 175.)⁸⁴

– Mas ele não se contenta de louvor geral. (*Id.* – 172.)⁸⁵

– Quanto é mais temperado V. A. tanto de nós é mais venerado. (*Id.* – 172.)⁸⁶

– Quanto mais de louvar é quem de seu natural, e sem nenhum mestre (*Id.* – 120.)⁸⁷

– *Lhe* – e antes que mais procedesse, acabado o rumor, Caramança *lhe* atalhou, tomando por conclusão que era contente fazer-se a casa que pedia. (*Déc.*, I – III – 667.)⁸⁸

– *Fundir* – Però todo este pensamento *lhe* fundia todo (*Id.*, III – 1 – VII.)⁸⁹

⁸¹ (*Id., id.* – XIII – 267.) *Diálogos*, Diálogo IV, cap. XIII, p. 267. Na edição que consultamos (*Diálogos*, 1846), o trecho anotado vem no Diálogo IV, cap. XIII, p. 267, assim: “... tomou-lhe os fasces, e insígnias Pretórias [...]” Esta é, muito provavelmente, a edição consultada por Machado de Assis.

⁸² (D. João III – 178.) D. João III, p. 178. Na edição que consultamos (Ao muito alto, e muito poderoso Rei de Portugal D. João III; in: *Panegíricos*, 1791), a passagem transcrita vem na p. 178. Esta é, muito provavelmente, a edição consultada por Machado de Assis.

⁸³ (*Id.* – 192.) D. João III, p. 192. Na edição que consultamos (Ao muito alto, e muito poderoso Rei de Portugal D. João III; in: *Panegíricos*, 1791), a passagem transcrita vem na p. 192. Esta é, muito provavelmente, a edição consultada por Machado de Assis.

⁸⁴ (*Id.* – 175.) D. João III, p. 175. Na edição que consultamos (Ao muito alto, e muito poderoso Rei de Portugal D. João III; in: *Panegíricos*, 1791), a passagem transcrita vem na p. 176. Esta é, muito provavelmente, a edição consultada por Machado de Assis – que deve ter-se equivocado no registro da página.

⁸⁵ (*Id.* – 172.) D. João III, p. 172. Na edição que consultamos (Ao muito alto, e muito poderoso Rei de Portugal D. João III; in: *Panegíricos*, 1791), a passagem transcrita vem na p. 172. Esta é, muito provavelmente, a edição consultada por Machado de Assis.

⁸⁶ (*Id.* – 172.) D. João III, p. 172. Na edição que consultamos (Ao muito alto, e muito poderoso Rei de Portugal D. João III; in: *Panegíricos*, 1791), a passagem transcrita vem na p. 172, assim: “Quanto mais temperado é V. Alteza, tanto de nós é mais venerado [...]” Esta é, muito provavelmente, a edição consultada por Machado de Assis.

⁸⁷ (*Id.* – 120.) D. João III, p. 120. Na edição que consultamos (Ao muito alto, e muito poderoso Rei de Portugal D. João III; in: *Panegíricos*, 1791), a passagem transcrita vem na p. 120, assim: “Quanto mais de louvor é, quem de seu natural, e sem nenhum mestre [...]” Esta é, muito provavelmente, a edição consultada por Machado de Assis.

⁸⁸ (*Déc.*, I – III – 667.) *Década primeira*, livro III, p. 667(?). Na edição que consultamos (*Década primeira da Ásia*, 1628), a passagem transcrita vem no livro III, fôlio 38, assim: “... e ante que mais procedesse acabado o rumor, Caramança *lhe* atalhou, tomando por conclusão que era contente fazer-se a casa que pedia.”

⁸⁹ (*Id.*, III – 1 – VII.) *Década terceira*, livro I, cap. VII. Na edição que consultamos (*Década terceira da Ásia*, 1628), o trecho transcrito vem no livro I, cap. VII, no verso do fôlio 16, assim: “Peró todo este seu pensamento *lhe* fundiu pouco [...]”

- Com os mouros mercadores estantes na terra. (*Id.*, 1-7-8.)⁹⁰
- primeiro que os oficiais de El-Rei apregoassem o arruído. (*Id.*)⁹¹
- como tinham ordenado os romanos àqueles que jubilaram na guerra. (*Id.*, III, II – I.)⁹²

VIEIRA.

- ... e em toda a Lombardia são ditos e havidos por fidalgos.⁹³ (*Arte de furta* – Cap. 4º, 39.)⁹⁴
- Valha o que valer. (XXVII – 197.)⁹⁵
- *E bem* – E bem David não éreis vós o que dizíeis a Deus que vos desse entendimento? (Serm. D. Maria de Ataíde.)⁹⁶
 - E bem, senhor, por que razão se indigna tanto a vossa ira? (Sermão contra Holanda – I – II.)⁹⁷
- Abriu-se a terra, caíram todos, tornou-se a cerrar para toda a eternidade. Eternidade: eternidade: eternidade.⁹⁸

⁹⁰ (*Id.*, 1-7-8.)] (*Id.* 1-7-8.) – em RABL (ano II, 1911). *Década primeira*, livro VII, cap. VIII. Na edição que consultamos (*Década primeira da Ásia*, 1628), o trecho transcrito vem no livro VII, cap. VIII (que vem erradamente grafado VII na edição de 1628), fólio 141.

⁹¹ (*Id.*) *Década primeira*. Na edição que consultamos (*Década primeira da Ásia*, 1628), o trecho transcrito vem no livro IV, cap. VIII, verso do fólio 75, assim: “... primeiro que os oficiais del Rey apagassem o arruído [...]”

⁹² (*Id.*, III, II – I.) *Década terceira*, livro II, cap. I. Na edição que consultamos (*Década terceira da Ásia*, 1628), o trecho transcrito vem no livro II, cap. I, verso do fólio 24, assim: “... como tinham ordenado os Romanos àqueles, que per decurso de anos jubilavam na guerra.”

⁹³ fidalgos.] fidalgas. – em RABL (ano II, 1911).

⁹⁴ (*Arte de furta* – Cap. 4º, 39.) *Arte de furta*, cap. IV, p. 39. Na edição que consultamos (*Arte de furta*, 1744), a passagem transcrita vem no cap. IV, p. 22.

⁹⁵ (XXVII – 197.) [*Arte de furta*] cap. XXVII, p. 197. Na edição que consultamos (*Arte de furta*, 1744), a passagem transcrita vem no capítulo XXVII, p. 181.

⁹⁶ (Serm. D. Maria de Ataíde.)] (*Serm. D. Maria de Ataíde.*) – em RABL (ano II, 1911). Sermão de D. Maria de Ataíde. Na edição que consultamos (Sermão nas exéquias de D. Maria de Ataíde, in: *Sermões*, 1959, t. XV, p. 387-410), a passagem transcrita vem na p. 397, assim: “E bem David, não éreis vós o que dizíeis a Deus que vos desse entendimento para viver, pois como agora para viver vos desfazeis do entendimento?”

⁹⁷ (Sermão contra Holanda – I – II.)] (*Sermão contra Holanda – I – II.*) – em RABL (ano II, 1911). Sermão contra Holanda, I(?), parte II. Na edição que consultamos (Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, in: *Sermões*, 1959, t. XIV, p. 297-326), a passagem transcrita vem na p. 304.

⁹⁸ Machado de Assis não indicou a fonte utilizada por ele. O trecho transcrito, na edição que consultamos (Sermão da primeira domingo do Advento, pregado na Capela Real, no ano de 1650, in: *Sermões*, t. I, p. 39-66), vem na p. 66, fechando o sermão.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

RABL – *Revista da Academia Brasileira de Letras*.

Referências

ALENCAR, José de [Sênio]. *O gaúcho*. Romance brasileiro. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1870. 2v.

ARRAIS, Amador. *Diálogos*, de dom frei Amador Arrais, bispo de Portalegre: revistos, e acrescentados pelo mesmo autor na segunda impressão. Nova edição. Lisboa: Rolandiana, 1846.

ASSIS, Machado de. *Os deuses de casaca*. Rio de Janeiro: Tipografia do Imperial Instituto Artístico, 1866.

ASSIS, Machado de [Lara]. Uma loureira. *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro, t. X, p. 140-150, maio 1872; e p. 161-170, jun. 1872.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. Notas de leitura de Machado de Assis. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, vol. I, p. 137-145, jul. 1910.

ASSIS, Machado de. Notas de leitura de Machado de Assis. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano II, p. 91-97, jan. 1911.

AULETE digital. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/deva%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

BARROS, João de. *Década primeira da Ásia*. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1628.

BARROS, João de. *Década terceira da Ásia*. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1628.

BARROS, João de. *Panegíricos*. Fielmente reimpressos conforme a sua antiga Linguagem – ano 1533 por Joaquim Francisco Monteiro de Campos Coelho, e Soisa. Lisboa: Oficina de Antônio Gomes, 1791.

BERNARDES, Diogo. *O Lima*. Lisboa: Simão Lopes, 1596.

CAMÕES, Luís de. *Obras de Luís de Camões* precedidas de um ensaio biográfico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida aumentadas com algumas composições inéditas do poeta pelo visconde de Juromenha. volume IV. Lisboa: Imprensa Nacional, 1863.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas* de Luís de Camões comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1972. [Reprodução fac-similada da 2ª edição (em 2 tomos – 1916/1918).]

CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

DIAS, Augusto Epifânio da Silva. Ver CAMÕES, 1972.

ELÍSIO, Filinto. Oberon, poema de Wieland. Traduzido por Filinto Elísio. In: *Obras de Filinto Elísio*. Nova edição. Lisboa: Tipografia Rolandiana, 1837. t. VII, p. 1-289.

ELÍSIO, Filinto. Epístola de Alfeno a Filinto. In: *Obras de Filinto Elísio*. Nova edição. Lisboa: Tipografia Rolandiana, 1838. t. X, p. 24-34.

ELÍSIO, Filinto. Márcio Coriolano. Tragédia de M. de la Harpe. In: *Obras de Filinto Elísio*. Nova edição. Lisboa: Tipografia Rolandiana, 1838. t. XI, p. 118-145.

ELÍSIO, Filinto. Fábulas de J. La Fontaine, t. I. In: *Obras de Filinto Elísio*. Nova edição. Lisboa: Tipografia Rolandiana, 1838. t. XII.

ELÍSIO, Filinto. Os mártires, ou triunfo da religião cristã. Poema. Tomo II. In: *Obras de Filinto Elísio*. Nova edição. Lisboa: Tipografia Rolandiana, 1839. t. XV. (livro XIV, p. 223-260)

ELÍSIO, Filinto. Os mártires, ou triunfo da religião cristã. Poema. Tomo III. In: *Obras de Filinto Elísio*. Nova edição. Lisboa: Tipografia Rolandiana, 1839. t. XVI. (livro XXII, p. 235-257)

FERREIRA, Antônio. *Poemas lusitanos*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1548.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. 5v.

GARÇÃO, Pedro Antônio Correia. *Obras poéticas*. Lisboa: Régia Oficina Tipográfica, 1778.

GARÇÃO, Pedro Antônio Correia. *Obra poéticas e oratórias*. Roma: Tipografia dos Irmão Centenari, 1888.

GARRETT, Almeida. *Parnaso lusitano*. Paris: J. P. Aillaud, 1827. t. III.

[GARRETT, Almeida.] *Lírica* de João Mínimo. Londres: Sustenance e Stretch, 1829.

GODINHO, Manuel. *Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal*, no ano de 1663, o padre Manuel Godinho da Companhia de Jesus. 2. ed. Lisboa: Tipografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1842.

GÓIS, Damião de. *Crônica do sereníssimo senhor rei D. Manuel*. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1749.

LISBOA, João Francisco. *Obras de João Francisco Lisboa*, natural do Maranhão, precedidas de uma notícia biográfica pelo Dr. Antônio Henriques Leal. Editores e revisores Luís Carlos Pereira de Castro e o Dr. A. Henriques Leal. Volume I. S. Luís do Maranhão, 1864.

LISBOA, João Francisco. *Obras de João Francisco Lisboa*, natural do Maranhão, precedidas de uma notícia biográfica pelo Dr. Antônio Henriques Leal. Editores e revisores Luís Carlos Pereira de Castro e o Dr. A. Henriques Leal. Volume II. S. Luís do Maranhão, 1865.

LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na aldeia, e noites de inverno*. Lisboa: Antônio Alvarez, 1649.

MACHADO, Álvaro Manuel. (Org. e Dir.) *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Presença, 1996.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2021.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Ao redor de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

[MELO], D. Francisco Manuel. *Carta de guia de casados*. Nova edição, com um prefácio biográfico enriquecido de documentos inéditos por Camilo Castelo Branco. Porto: Pereira da Silva, 1873.

MIRANDA, Francisco de Sá de. Os Vilhalpandos. In: *Obras completas*. Texto fixado, notas e prefácio pelo prof. M. Rodrigues Lapa. Lisboa: Sá da Costa, 1943. v. II. p. 187-282.

MIRANDA, Francisco de Sá de. *Obras completas*. Texto fixado, notas e prefácio pelo prof. M. Rodrigues Lapa. Lisboa: Sá da Costa, 1960. v. I.

MIRANDA, Francisco de Sá de; FERREIRA, Antônio. *Comédias famosas portuguesas*. Lisboa: Antônio Alvarez, 1622.

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação seguida das suas cartas*. Texto primitivo, inteiramente conforme a primeira edição (1614). / Versão integral em português moderno, por Adolfo Casais Monteiro. Lisboa: Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro, 1952/1953. 2v.

PINTO, Heitor. *Imagem da vida cristã*. I & II parte. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal, 1681.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Lacerdina, 1813. 2t.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 10. ed. revista, corrigida e muito aumentada e atualizada por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado. Lisboa: Editorial Confluência, 1949-1959. 12v.

SILVA, Antônio José da. Guerras do alecrim e manjerona. In: *TEATRO cômico português ou Coleção das óperas portuguesas que se representaram na Casa do Teatro Público do Bairro Alto de Lisboa*. Quarta reimpressão. Tomo segundo. Lisboa: Oficina Patr. de Franc. Luís Ameno, 1759. p. 187-327.

SOUSA, Frei Luís de. *Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*. Viana [Portugal]: Nicolau Carvalho, 1619.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

VASCONCELOS, Jorge Ferreira de. *Comédia Eufrosina*. 3. ed. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1786.

VICENTE, Gil. O juiz da Beira. In: *Obras de Gil Vicente* corretas e emendadas pelo cuidado e diligência de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro. Hamburgo: Oficina Tipográfica de Langhoff, 1834. t. III, p. 160-191.

VIEIRA, Antônio. *Arte de furtar*. Amsterdam: Oficina de Martinho Schagen, 1744.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Porto: Lello & Irmão, 1959. 15 t.